



“SAIR DO ARMÁRIO” – ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: DESDOBRAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Anderson Ferrari¹

Roney Polato de Castro²

RESUMO

Qual o significado pessoal e político de estar “dentro” ou “fora” do armário? Como isso se relaciona com as práticas educativas? O que pode significar uma “escola sem armários”? Tomaremos a imagem do cartaz de propaganda da Parada Gay de Madrid em 2009, além de três fatos que têm a escola como espaço de revelação e de desdobramentos para além dela, para problematizar o investimento na construção da relação homossexualidade/heterossexualidade, algo que vai da ficção a construção do que chamamos “realidade”. Nossas análises pautam-se na perspectiva dos estudos pós-estruturalistas e foucaultianos, operando com as relações de saber-poder na produção de discursos e imagens que incidem sobre os sujeitos, atribuindo-lhes certas características e condicionando-lhes a certos lugares (“dentro” e “fora” do armário, por exemplo).

Palavras-chave: Cultura Visual. Escola. Homossexualidades.

Em 2009, a Parada do Orgulho Gay de Madrid (Espanha) teve como tema “*uma escola sem armários*”. De acordo com os organizadores³, a intenção era denunciar a violência sofrida por adolescentes homossexuais nas escolas, reivindicando assim a possibilidade de que existam escolas “*em que os jovens LGBTs não tenham medo de estudar e onde não haja violência*”. A partir daí, estamos incitados a pensar: o que significa estar “dentro” ou “fora” do armário? “No armário” é uma expressão que se refere mais comumente a população LGBT. Nesse sentido, “sair do armário” seria uma expressão que descreveria o anúncio público da orientação sexual, ou seja, não ocultar uma orientação sexual homossexual, bissexual ou transexual. Há, portanto, um caráter de “revelação” de um “segredo”, que pode produzir efeitos diversos em quem recebe

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFJF e do Colégio de Aplicação João XXIII. E-mail: aferrari13@globo.com.

² Professor da Faculdade de Educação/UFJF. Doutorando em Educação (PPGE/UFJF). E-mail: polatojf@yahoo.com.br.

³ Informação obtida em: <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/paradas-gays-de-madri-e-londres-levam-milhares-as-ruas-veja-fotos/2/13/8673>. Acesso: 03/05/2011.



essa “informação” (família, escola, amigos, empregadores, etc.). Poderíamos dizer também que nessa relação com o “armário” está em jogo o que é público (fora) e o que é privado (dentro). Desse modo, somos levados a entender que os heterossexuais estão, “naturalmente”, “fora do armário”.

A partir dessas considerações iniciais podemos pensar: qual o significado pessoal e político de estar “dentro” ou “fora” do armário? O que pode significar essa “revelação”? Como isso se relaciona com as práticas educativas? O que pode significar uma “escola sem armários”? Este texto se organiza na tentativa de problematizar essas questões, ou seja, não pretendemos apresentar uma resposta única para elas, mas trazer apontamentos que nos levem a pensar a relação entre sexualidades e práticas educativas a partir delas.

No livro “*Epistemología del armário*”, Sedgwick (1998) propõe que

(...) muchos de los nudos principales del pensamiento y el saber de la cultura occidental del siglo veinte están estructurados – de hecho, fracturados – por una crisis crónica, hoy endémica, de definición de la homo/heterossexualidad, sobre todo masculina y que data de finales del siglo pasado. El libro sostendrá que la comprensión de casi todos los aspectos de la cultura occidental moderna no sólo es incompleta, sino que está perjudicada en lo esencial en la medida en que no incorpora un análisis crítico de la definición moderna de la homo/heterossexualidad; y partirá del supuesto que el terreno más apropiado para iniciar este análisis crítico es la perspectiva relativamente dispersa de la teoría moderna gay y antihomofóbica. (p. 11).

Seguindo essa linha de pensamento, a autora se centra em algumas contradições, que ela entende como “mais ativas” e que são aquelas que dizem das interpretações e definições da homo/heterossexualidade, tanto as engendradas pelos discursos heterossexistas como pelos anti-homofóbicos. A primeira dessas contradições é aquela que pensa que a definição de homossexualidade e heterossexualidade é importante apenas para os primeiros. A segunda se refere ao entendimento de que a escolha por pessoas do mesmo sexo para relações afetivo-sexuais estabelece a passagem entre os gêneros e uma separação dentro de cada gênero. Enfim, contradições que se ancoram na relação entre o “conhecido” (o que é do nosso conhecimento, considerando a ignorância

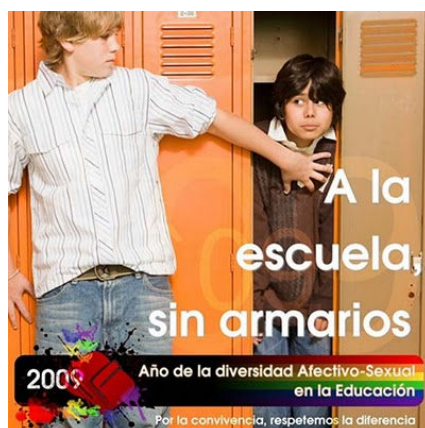


como uma forma de conhecimento) e o “desconhecido” a respeito das homossexualidades/heterossexualidades. Assim:

Una suposición que subyace en el libro es que las relaciones del armario – las relaciones de lo conocido y desconocido, lo explícito y lo implícito en torno a la definición de la homo/heterosexualidad – pueden ser especialmente reveladoras acerca de los actos discursivos de modo más general. (SEDGWICK, 1998, p. 13)

Se a expressão “sair do armário” é algo incorporado no vocabulário político dos grupos LGBTT, sendo do conhecimento de todos de forma geral, queremos pensar como ocorre esse investimento na passagem para a realidade nas escolas. Para isso, vamos tomar como foco das nossas problematizações a imagem e os discursos do cartaz de propaganda da Parada Gay de Madrid em 2009 – “*A la escuela, sin armarios*” – além de três fatos que têm a escola como espaço de revelação e de desdobramentos para além dela. Dessa forma, queremos problematizar esse investimento na construção discursiva e de imagens da relação homossexualidade/heterossexualidade, algo que vai da ficção a construção do que chamamos “realidade”.

Cena, Discurso e Imagem 1



O que vemos quando olhamos esse cartaz da propaganda da Parada Gay de Madrid? Como estão em negociação e em construção cenas, imagens e discursos das homossexualidades, das escolas e dos grupos em meio ao que olhamos? Podemos



pensar que olhar implica em educar, de forma que no próprio cartaz há uma função educativa, minimamente aquela destinada ao olhar. As imagens educam o nosso olhar para isso que chamamos realidade. Uma imagem⁴ que nos obriga a olhar para todos os aspectos que a compõe: as personagens e suas posições, as relações que podemos estabelecer entre esses dois meninos, a presença central do armário, a frase em destaque – *“A la escuela, sin armarios”* (que além de ser uma escrita é uma imagem que fortalece, significa ou explica as outras imagens) –, as frases que se seguem – *“2009 Año de la diversidad Afectivo-Sexual em la Educación. Por la convivencia, respetemos la diferencia”* – e as cores do arco íris, que em nossa atualidade é a representação (a bandeira) dos movimentos LGBTTT. Todos esses aspectos isoladamente e em diálogo constituem e constroem a imagem e a cena que é o cartaz e que nos interessa discutir junto aos processos educativos de constituição dos sujeitos.

Cena, Discurso e Imagem 2

A segunda cena, discurso e imagem que queremos tomar como análise, tem como palco a escola, na potencialidade e desafios do “sair do armário”. Algo que chega à escola, que invade esse espaço importante de negociação e construção identitária e vai da escola para outros espaços e destes para ela, num processo de “mão dupla”. A cena teve início quando o coordenador do Ensino Fundamental de uma escola pública foi procurado por um aluno do Ensino Médio que pediu para que ele conversasse com sua mãe. Algo surpreendente, já que o aluno era do Ensino Médio e que, portanto, caberia ao coordenador desse segmento a conversa com a mãe. Além do fato de ser raro um aluno pedir para que um coordenador chamasse a mãe para conversar, já que os alunos evitam esses encontros. Tudo foi resolvido quando o aluno explicou que “saiu do armário” em casa e os pais estavam um pouco atordoados com tal revelação. O pedido ao coordenador se explicava pelo conhecimento da sua homossexualidade na escola e pelos trabalhos acadêmicos que realiza com essa temática.

⁴ Imagem disponível em: <<http://loseymeimporta.blogspot.com.br/2010/10/la-escuela-sin-armarios-alfonso-torres.html>>. Acesso: 17 mar. 2012.



Conhecido do coordenador, o aluno já tinha passado por uma série de conflitos com o restante de sua turma, principalmente por ter “saído do armário” primeiro para a turma da escola. Algo novo nessa escola, ou seja, um aluno assumidamente homossexual, que não escondia sua orientação, muito pelo contrário, fazia questão de se colocar a partir dela, causando certo estranhamento e sendo comentário de alunos e professores. Quando o aluno “saiu do armário”, o coordenador foi logo avisado por outros professores, como que aproximando os iguais, sendo recomendado por alguns que ele procurasse o aluno porque segundo a avaliação desses professores, *“o aluno estava perdido, confuso, precisando de ajuda, de alguém que conversasse com ele para colocá-lo no centro”*. Esse movimento nunca foi feito pelo coordenador. No entanto, diante de um pedido como o do aluno, argumentando que a mãe precisava de ajuda para entender o que ele estava vivendo e que ele teria falado sobre o trabalho desenvolvido pelo coordenador, esse não podia deixar de conversar.

Marcado o encontro a mãe fez questão de conversar sozinha com o coordenador. Começou falando da história de vida do filho até a fase atual, com um carinho assumidamente explícito, revelando todas as dificuldades de saúde que enfrentaram na infância, o quanto o filho era querido e o quanto estava disposta a lutar pela sua felicidade. Dizia que a dificuldade maior já teria passado, quando do ato da “revelação” e que agora estavam enfrentando uma maior recusa por parte do pai, que era caminhoneiro e segundo a mãe *“um típico machão”*. Diante da possibilidade levantada pelo pai de expulsar o filho de casa a mãe assumiu a sua defesa e disse que se saísse o filho ela sairia junto e que antes de qualquer coisa ela estava junto com o filho. Mais do que isso, revelou que sofria com a pressão do filho que estava frequentando um grupo gay da cidade e queria que a mãe fosse junto com ele e que levasse o pai, ou seja, que ela conversasse e modificasse a postura do pai, enfim, uma série de situações que fez com que essa mãe terminasse o drama da seguinte forma: *“Professor, o meu filho não entende que tudo isso é muito novo pra mim e ele quer que eu tenha a mesma postura e a mesma relação com a homossexualidade do que ele. Está difícil para mim. Eu digo que ele saiu do armário e eu entrei.”*



Cena, Discurso e Imagem 4

No final do mês de agosto, durante a primeira reunião de pais do segundo semestre do ano letivo de uma turma de uma escola pública, o coordenador que dirigia o encontro, vivenciou uma situação que também nos serve para pensar as formas de “sair do armário” e seus desdobramentos. Depois da reunião ele foi cercado por um grupo de pais, algo que sempre ocorre para saber especificamente sobre seus filhos, e percebeu que um pai insistia em permanecer sentado no mesmo lugar, muito embora a sala já estivesse quase vazia e que todos tomavam a postura de sair da sala. Os pais mais próximos do coordenador iam embora à medida que suas dúvidas eram sanadas, de forma que cada vez havia menos pais na sala, e o tal pai insistia em ficar sentado anotando algo. Quando não havia mais pessoas na sala, o coordenador se dirigiu ao pai para solicitar que saíssem da sala e nesse momento o pai disse que queria conversar particularmente com ele.

Estando os dois sozinhos, o pai revelou que estava esperando aquele momento para denunciar um movimento que segundo ele estava sendo organizado exatamente por aqueles pais que momentos antes eram tão atenciosos e simpáticos com o coordenador. E disse: *“Os pais dessa turma estão organizando um abaixo assinado e me telefonaram pedindo minha assinatura. Alguns deles te viram na Parada Gay beijando outro homem e estão organizando um abaixo assinado contra você”*. Diante da revelação, o coordenador disse que até então não tinha conhecimento de tal movimento e que esperaria para ver o que fazer. Tal abaixo assinado nunca chegou.

Anos depois esse mesmo pai frequentou um curso de especialização no qual o coordenador atuou como professor. Num determinado dia o pai tomou a mesma postura da vez anterior para conversar, ou seja, ficou esperando a turma sair para ficar sozinho com o coordenador e pedir uma carona. No trajeto para casa, recuperou a história vivida na escola para puxar o assunto sobre a homossexualidade e “saiu do armário” dizendo que também era gay e que estava se separando da mulher para vivenciar essa orientação sexual. Até que ponto aquela história do abaixo assinado era uma preparação para uma futura saída do armário, uma vez que o documento nunca chegou?



Cena, Discurso e Imagem 5

Numa conversa de bar uma amiga chega e de forma muito contente revela a todos que tinha uma novidade. Vivendo fora do Brasil há quase 10 anos, e assumidamente homossexual, tinha acabado de voltar do país num encontro muito feliz com os familiares – irmãos, pais e sobrinhos – que tinha marcado sua decisão de regressar definitivamente para o Brasil. Dias depois recebeu um telefonema de um sobrinho de quem ela gostava bastante e que surpreendentemente não tinha como hábito telefonar, sobretudo depois de estar com ela há pouco tempo atrás. Na conversa o jovem disse textualmente: *“Tia, saí do armário”*. O que a tia responde: *“Você fez o quê? Não entendi”*. O que o menino acrescenta: *“É tia, você sabe do que estou dizendo, eu saí do armário, eu sou gay”*. Contou que tinha assumido a homossexualidade para os amigos, o que a tia cobra: *“Você já contou isso para sua mãe? Você já contou isso para o seu pai? Você tem que contar para eles”*.

Cenas, Discursos e Imagens de “Sair do Armário” como processos educativos

Da ficção a realidade, do cartaz às escolas, o que podemos notar é que a proposta central do cartaz – *A La escuela, sin armarios* – é uma questão atual, seja para os grupos gays ou mesmo para aqueles que se consideram homossexuais e se vêem diante da pressão em assumir publicamente sua orientação sexual. Mais do que isso é uma postura já assumida por algumas pessoas, mesmo não sendo espanholas e que não tenham entrado em contato com esse chamado do cartaz. Parece-nos possível pensar, portanto que “sair do armário” é uma política conhecida, “exigida” e assumida por pessoas de diferentes realidades, o que não significa dizer que estamos lidando com a homossexualidade como natural ou essencial, mas entendendo que essa construção é negociada em diferentes contextos. Assim, se na Espanha há esse chamado, no Brasil encontramos casos em que adolescentes já se assumem nas escolas.

Tanto o cartaz como os casos contados neste artigo nos convidam a pensar e nos servem de inspiração para problematizar algo que nos parece importante no que se refere a construção das homossexualidades e sua relação com as escolas: as identidades sexuais (homossexuais, heterossexuais) não são algo natural ou dado, mas frutos de



investimentos, de práticas discursivas e performativas. No caso do Brasil isso envolve ainda ações no embaralhamento entre gênero e sexualidade, em que ser homem está diretamente implicado num sentido de heterossexualidade, de forma que a homossexualidade dialoga com esses atravessamentos. O “sair do armário” é parte desse jogo, representa um ato performativo de construção da homossexualidade e da heterossexualidade. Desse modo, podemos argumentar que as homossexualidades e as heterossexualidades podem ser consideradas uma ficção cultural, um efeito performativo de atos que se repetem, sem uma originalidade nem tampouco uma essência.

Assim, podemos questionar a necessidade dessas classificações. Por que necessitamos enquadrar e classificar as pessoas em função das orientações sexuais? Como isso é assumido por nós? Não por acaso o jovem procura a Tia e afirma: “*Tia, saí do armário*”. Uma revelação que serve para construção desse sujeito homossexual, da homossexualidade e da relação com a Tia. Serve porque enquadra, por que faz circular entre ele, a Tia e a homossexualidade um conhecimento, uma relação de saber-poder que constrói sujeitos. Esse diálogo, assim como aquele estabelecido entre o aluno, o coordenador e a mãe nos convida a pensar na obrigatoriedade em repetir o “sair do armário”, ou seja, como essa ação vai se constituindo como uma norma que se repete e que necessita da repetição para a construção dos sujeitos, das homossexualidades, das heterossexualidades (que em oposição vão sendo construídas como aquelas das quais não precisam falar, para a qual não há necessidade de “sair do armário”) e dos sujeitos homossexuais? Uma norma que é anterior ao sujeito e da qual é difícil fugir. Dizer “eu sou gay” acaba colocando aquele que fala num jogo político, já que é mais do que assumir uma identidade, mas representa se posicionar politicamente ao assumir uma posição de revelação, de luta pelo direito de falar. Assim podemos pensar para além desse ato e dar lugar a ideia de que estamos trabalhando com uma concepção de sujeito como resultado de uma cultura, de um universo simbólico em que a linguagem está diretamente implicada. O sujeito só existe como resultado desse universo simbólico. Quando um médico, olhando para a imagem de um ultrassom ou para o corpo de uma criança recém-nascida afirma “é homem” ele inicia o processo performativo e



discursivo do “ser homem”, que está relacionado ao processo performativo e discursivo do “ser heterossexual” e do “ser homossexual”.

Diante da revelação, a tia entra no jogo da construção da homossexualidade pela linguagem: *“Você fez o quê? Não entendi”*. O que o menino acrescenta: *“É tia, você sabe do que estou dizendo, eu saí do armário, eu sou gay”*. Ao deixar claro, o menino posiciona a Tia que imediatamente estabelece outro tipo de cobrança: *“Você já contou isso para sua mãe? Você já contou isso para o seu pai? Você tem que contar para eles”*. O “sair do armário” implica um campo de negociação em que o “outro” é fundamental. Não somente o outro da orientação sexual (a heterossexualidade, aquela que não precisa do “sair do armário”), mas o “outro” para quem a afirmação é direcionada. Sem esse outro ela perde sentido. O falar e o “outro” fazem parte da constituição da subjetividade deste que fala. Mas isso se desdobra e inicia um processo em que outras cobranças vão demonstrando que os processos de subjetivação ocorrem em campos de negociação e confronto. Assim, a escola dialoga diretamente com outros espaços sociais de convivência e construção das homossexualidades. Essas construções invadem as escolas e retornam a outros espaços, como o que apareceu na fala do pai ao coordenador: *“Os pais dessa turma estão organizando um abaixo assinado e me telefonaram pedindo minha assinatura. Alguns deles te viram na Parada Gay beijando outro homem e estão organizando um abaixo assinado contra você”*. Da Parada Gay a escola; da escola à construção da subjetividade desse pai, que se utiliza de um ato para dizer da revelação do outro e da sua própria. Existem espaços de intervenção entre a Parada Gay, a Escola e os sujeitos, de forma que entre as palavras do pai e seus efeitos performativos existem espaços de construção, que possibilitam a construção desses sujeitos, espaços de resistência, de negociação e de confrontação política entre os sujeitos, entre os espaços e os discursos dominantes. Existem diferentes maneiras de “sair do armário”: falas, ações, revelação do outro, denúncia, enfim, efeitos políticos e jogos de poder que atravessam essas práticas e discursos.

Que significados são acionados em nós a partir da leitura dos discursos-imagens colocados? De muitos modos, podemos perceber esses discursos-imagens nos são um tanto “familiares”. Porém, pode ser importante destacar dois conjuntos de significados



relacionados ao “sair do armário”. Em primeiro lugar, um significado político, de afirmação de uma identidade em contraposição a outra – a hegemônica. A imagem do cartaz da Parada Gay de Madrid em 2009 é onde encontramos esse significado de forma mais expressiva. Mas, ele também está presente nos outros discursos-imagens. “Sair do armário”, “assumir-se” na escola, na família é algo que nos dias atuais parece revelar um movimento político de contraposição à heteronormatividade, ou seja, a ideia de que a heterossexualidade é a única identidade “natural” e que deve ser incorporada por todos. Tornar pública a orientação sexual faz parte desse movimento político de enfrentamento ao *status quo*. Assim, seria “natural” que o aluno do Ensino Médio desejasse que a mãe e o pai participassem das reuniões do grupo gay. As sexualidades se transformam em causa política, prática que se insere no interior das disputas de poder que se revelam nas representações culturais da hetero e da homossexualidade, ou seja, na luta pela imposição de significados que se trava entre grupos culturais distintos.

Outro significado do “sair do armário” presente nos discursos-imagens aqui relatados se refere à “vontade de saber” que se estabelece em torno das sexualidades. O caráter de “revelação”, de “anúncio” de um segredo, parece remeter à ideia de que a sexualidade é uma verdade definidora dos sujeitos, ou seja, conhecendo-se esse segredo é possível definir um sujeito, dizer de seu caráter, atribuir-lhe um valor. Isso está presente no movimento relatado pelo pai onde um abaixo assinado estava sendo organizado contra o coordenador que foi visto na Parada Gay. Nesse processo, a tensão entre o público e o privado se revela: o anúncio da orientação sexual como movimento político, praticado por alguns, se relaciona com a manutenção da orientação sexual como intimidade, aspecto que pertence apenas ao sujeito. Essa tensão se estabelece especialmente numa sociedade hipervisualizada, onde discursos-imagens das sexualidades estão presentes no cotidiano dos sujeitos de modo muito intensificado, servindo como elementos para a constituição de subjetividades. Desse modo, destaca-se o caráter pedagógico das relações com as imagens.

Neste sentido, retomando o cartaz da Parada Gay de Madrid, podemos inferir que não somente a imagem, mas, sobretudo, as frases quem compõem toda produção são capazes de educar os olhares dos meninos, dos professores, do público de forma



geral. E fizeram isso a partir das imagens, a partir da construção de uma imagem da homossexualidade como aquela que deve ser revelada, a partir da escola como local de revelação e de aceitação. Imagens que dizem dos casos vivenciados em escolas também do Brasil e que ao serem trazidos para esse artigo vão fazendo esse trabalho nos leitores, participando do jogo de construção entre imagem e discurso. Nesse caso, é possível afirmar que os discursos são capazes de produzir imagens, considerando que trabalhamos com imagens o tempo todo, ou seja, com a representação que vamos construindo sobre as coisas e objetos. Assim sendo, ao ver a imagem do cartaz, ao ler os casos deste artigo, vamos trazendo à tona não apenas as imagens do fato real como também outras imagens que tangenciam nossos pensamentos e discursos ao longo de nossas experiências e que nos possibilita ler a imagem do cartaz e a produzir imagens dos diálogos e das homossexualidades a partir deles.

O “visto” e o “não visto” nas nossas experiências nos ajudam na constituição das orientações sexuais e dos sujeitos que são nomeados por elas. Quantos de nós já vivenciamos situações semelhantes às que estão contadas neste artigo e que envolvem o “sair do armário”? Independente de uma resposta positiva, somos capazes de transformar a escrita, o que lemos em cenas, emoções e diálogos, enfim somos capazes de construir situações de “sair do armário”, e com elas construir homossexualidades. Enfim, o “não visto” que pode ser vivenciado. Somos “invadidos” por informações a respeito do “sair do armário” e das homossexualidades: notícias de jornal, cenas de novelas e filmes, casos narrados por colegas, enfim, discursos e imagens que possibilitam uma experiência sobre essas relações e que nos fornecem dados para estabelecer relações entre o cartaz, os casos narrados e este texto. Somos educados por essas informações, de forma que essas imagens presentes nas nossas memórias possibilitam a leitura dos fatos narrados aqui, um entendimento do “chamado” do cartaz da Parada Gay de Madrid e a releitura desse artefato como integrante de processos educativos de investimento na constituição de sujeitos homossexuais e heterossexuais. Situações que trazem para o presente, imagens construídas por outros discursos, meios de comunicação e informações, de forma que somos capazes de utilizá-los para construir a nós mesmos e nossas relações.



Isso é o que podemos chamar de aspecto político das imagens, ou seja, que discursos estão sendo utilizados e que imagens estão sendo construídas para dar lugar a outros discursos e imagens. Como esse aspecto é negociado com o contexto? Como essas relações nos educam e servem a esse fim? Como as imagens nos constituem?

Em seu aspecto político as imagens vão construindo conceitos abstratos, como o bem e o mal e o que deve ou não ser feito. Somos educados numa cultura que estabelece fronteiras entre esses aspectos e, em se tratando de um cartaz produzido e direcionado para o contexto escolar, ele nos serve para pensar a construção das homossexualidades e das heterossexualidades como resultado de investimentos dessa cultura que encontra na escola uma instituição constituidora de subjetividades.

Situações e estratégias de tratamento que vamos incorporando e que nos educam. Têm esse efeito de nos educar porque são tidas como naturais, vamos tendo acesso a elas sem discuti-las. Aí reside sua força. Talvez esse seja o grande desafio deste artigo, ou seja, pensar como somos capazes de construir imagens e histórias que constituem sujeitos? Como vamos sendo educados e vamos construindo imagens sobre a realidade, objetos, pessoas, sobre nós mesmos, enfim, relações que são fruto das nossas experiências e que estão servindo para manter esse jogo das subjetividades? O que queremos problematizar neste artigo é a visão quase sempre comum de que o mundo, isso que nós chamamos de “realidade”, pode ser captado de distintas maneiras, podendo ser reconstruído. Enfim, nos educa no sentido de perceber a ausência de uma realidade acima e distante dos artefatos pelos quais é percebida. Realidade e sujeitos vão se constituindo nesses diálogos, encontros, negociações, confrontos, num processo interminável e educativo.

Referências

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemología del armario*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.